

## ESPINOSA COMO INSPIRAÇÃO PARA UMA FILOSOFIA AMBIENTAL

Rochelle Cysne Frota D'Abreu \*

*O ódio é aumentado pelo ódio recíproco, podendo, inversamente, ser destruído pelo amor (Ética III, prop. XLIII)*

*Padecemos à medida que somos uma parte da natureza, parte que não pode ser concebida por si mesma, sem as demais. (Ética IV, prop. II)*

*A virtude com a qual o homem livre evita os perigos revela-se tão grande quanto a virtude com a qual ele os enfrenta. (Ética IV, prop. LXIX).*

**E**staríamos todos contentes se soubéssemos que nossas ações estão vertendo a nosso favor e que todas elas estão contribuindo para a maior expansão de nosso ser, de nossa vitalidade e de nossa afirmação diante da vida. O presente estado no qual se encontra o desequilíbrio ambiental do planeta com o problema das mudanças climáticas, da poluição do ar, da perda das florestas, da biodiversidade, da depleção estratosférica da camada de ozônio, da degradação da água e da perda de fertilidade do solo mostram, no entanto, que nossas atitudes estão longe de nos trazer alegria e ao invés de estabelecermos uma relação cooperativa com o ambiente natural estamos esgotando suas reservas<sup>1</sup>. O lado péssimo de tudo isso recai justamente na culpa que pesa sobre nossos ombros de estarmos continuamente contribuindo com isso, seja com nossas ações individuais

enquanto vorazes consumidores, seja com nossas atitudes coletivas. O lado bom dessa catástrofe é que elas não podem ser resolvidas no âmbito nacional, não serão decididas por meio de ações unilaterais de estados individuais nem de indivíduos mais conscientes e de melhor boa vontade, mas exigem cada vez mais cooperação internacional, redesenhando novas prioridades políticas e materiais. O lado bom é que visualizamos mais claramente com isso o que está de fato em jogo e quais os argumentos que insistem em se perpetuar, ainda que em tudo mostrem seu lado desastroso, mau e perverso.

O estado atual em que se encontra a maior riqueza que possuímos, que é o próprio planeta, exige de nós investigar quais as possíveis atitudes que iremos tomar, assumindo as responsabilidades e os eventuais riscos que acarretam. Tais atitudes devem nos despertar não para a necessidade de uma volta ao estado de natureza, o que parece ser a proposta da *Deep Ecology*<sup>2</sup>, mas certamente para o estabelecimento de um plano de prioridades que inclua obviamente a preservação da espécie humana e da possibilidade de vida para as gerações futuras. Não se trata de decidir quais as espécies merecem viver, nem mesmo postular que o futuro do planeta depende de nossa ação conjunta apenas. Não é dado ao homem tamanho poder, isso seria uma arrogância de nossa parte e o próprio meio ambiente possui uma anterioridade ontológica diante do homem. Daí que não haja um plano de salvação a ser delineado, nem a possibilidade de construirmos uma nova arca de Noé que salvará as espécies. Cabe-nos tão somente pensar

\* PARTICIPANTE DO GT BENEDICTUS DE SPINOZA - ANPOF 2010.

<sup>1</sup> Como consideramos que essas mudanças ocorrem necessariamente, nosso afeto de tristeza é cada vez mais intenso. “O afeto relativamente a uma coisa que imaginamos como necessária é, em igualdade de circunstâncias, mais intenso do que o afeto relativo a uma coisa possível ou contingente, ou seja, não necessária”. (Ética IV, prop. XI).

<sup>2</sup> Vejo por exemplo com bons olhos a tentativa de Eccc de Jonge acerca de seu questionamento se a filosofia de Espinosa seria de fato uma boa fundamentação para a *Deep Ecology*.

em novas estratégias de ação que não poluam nem as águas dos rios e mares, nem o ar que nos sustém, mas principalmente também nem as relações entre os homens.

A idéia que ousou defender, tendo por alicerce a filosofia de Espinosa, é: 1) Não há nenhum problema em modificar a Natureza; 2) O conceito de natureza é ontologicamente anterior ao conceito de homem<sup>3</sup>; 3) A crítica do antropomorfismo em Espinosa não significa devotar valor intrínseco à Natureza nem fazer dela lugar de louvor e admiração, pois isso perpetuaria a relação de dualismo Homem-Natureza<sup>4</sup>; 4) Não existe em Espinosa nenhuma justificativa de que a ação sobre a Natureza deva

<sup>3</sup> Para Espinosa a expressão *Deus sive natura* não quer limitar a ação divina a um determinismo fechado da Natureza, mas sim conceber a Natureza como infinitamente infinita e não reificável, tal como Deus. Espinosa diz na explicação da definição 6 do livro I da *Ética*:  *digo absolutamente infinito e não infinito em seu gênero, pois podemos negar infinitos atributos àquilo que é infinito apenas em seu gênero, mas pertence à essência do que é absolutamente infinito tudo aquilo que exprime uma essência e não envolve qualquer negação.* Isso posto, Natureza é pensada como o campo das infinitas necessidades, estando seu próprio conceito e investigação abertos ao infinito. Daí que Espinosa possa dizer na proposição 16 dessa parte: *da necessidade da Natureza divina devem se seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras (isto é, tudo o que pode ser abrangido sob um intelecto divino).* Isso quer dizer que o que pode ser deduzido desse intelecto, que recai em um número infinito de deduções pode ser tão necessário quanto aquilo que esteja agora em ato. No entanto, “A essência das coisas produzidas por Deus não envolve a existência”. Isso significa talvez que apenas em Deus a História e a Natureza sejam campos abertos ao infinito de infinitas realidades necessárias. Daí que ele afirme no primeiro escólio da parte I da prop. 33: “Com efeito, uma coisa sobre a qual não sabemos que a sua essência envolve contradição ou, então, sobre a qual sabemos muito bem que a sua essência não envolve nenhuma contradição, mas sobre cuja existência, entretanto, por nos escapar a ordem das causas, nada de certo podemos afirmar, essa coisa, repito, não pode nos parecer nem necessária nem impossível, e por isso dizemos que é ou contingente ou possível”. Por essa observação, urge sempre não caminhar no terreno da mera dedução, mas do que é de fato viável.

<sup>4</sup> Veja-se, por exemplo, o famoso apêndice à parte I da *Ética* a partir do qual Espinosa rechaça a idéia de que haja uma ordem na Natureza que seja perturbada pela ação humana. Esse motivo prossegue no prefácio à parte III do mesmo livro. “Como se a ordenação fosse algo que, independentemente de nossa imaginação, existisse na Natureza”. (apêndice à parte I).

ser interrompida mediante um princípio de compaixão (*commiseratio*)<sup>5</sup>, mas sim que essa ação deve ocorrer através do conhecimento de suas leis e cooperando com ela<sup>6</sup>; 5) A noção de amor intelectual a Deus é o esboço de uma inteligência afetiva, política e ecológica<sup>7</sup>; 6) A verdadeira causa de tristeza e más relações entre os homens nasce de sua relação alienada com a Natureza (donde nasce o princípio da propriedade), daí que cooperar com a Natureza é caminho para uma nova vida coletiva feliz, saudável e cheia de vitalidade<sup>8</sup>; 7) A crítica ao

<sup>5</sup> Conforme verificamos na prop. V da parte IV da *Ética*: “A comiserção, no homem que vive sob a condução da razão é, em si, má e inútil”. E ele continua no Corolário a esta proposição: “Disso se segue que o homem que vive pelo ditame da razão se esforça, tanto quanto pode, por não ser tocado pela comiserção”.

<sup>6</sup> Se Natureza deve ser pensada a partir do conceito de Deus e se esse é livre, a Natureza age em virtude de sua própria essência não sendo coagida por ninguém, muito menos pelo homem que é uma parte dela. Veja-se, por exemplo, a definição 7 da parte I, tanto como a proposição 17 da mesma parte. Observe mesmo essa afirmação do segundo escólio, da proposição 33 da parte I: “Reconheço que a opinião que submete tudo a certa vontade indiferente de Deus e sustenta que tudo depende de seu beneplácito desvia-se menos da verdade do que a opinião daqueles que sustentam que Deus em tudo age tendo em vista o bem”.

<sup>7</sup> O amor intelectual a Deus estabelece uma quebra no sentido em que não perpetua a vida em termos de duração, mas concebe ao homem o gozo da eternidade. Se o amor intelectual promettesse uma vida mais feliz no futuro, o homem estaria ainda pensando em termos de tempo. Como essa noção é uma promessa de eternidade e como eternidade se define pela necessidade de existência apenas a partir da definição da coisa dada (veja a definição 8 da parte I), segue-se que sentir comum a Deus é não mais se perceber como um indivíduo, mas como uma parte singular da Natureza que como toda e qualquer outra deseja viver. Ser parte singular pressupõe não cair-se num mero coletivismo que aplaca as diferenças, mas as exige para a felicidade comum a todos e a cada um. Daí que sentir-se eterno é exprimir a eternidade em termos de vida singular que se perpetua com o mesmo direito que qualquer outra.

<sup>8</sup> Segundo a proposição 13 da parte I da *Ética* temos: Uma substância absolutamente infinita é indivisível. Ora, se a Natureza em sentido ontológico fundamental é uma substância, ela não pode ser dividida em partes. Essa divisão que o homem faz de modo a separar a sua parte das dos demais é extremamente inadequada. A Natureza está em tudo e permanece indivisível, pois ao ser dividida não perde em essência, não se esgota. Quando dizemos que algo é parte de um todo nós falamos (**CONTINUA**)

antropomorfismo ontológico<sup>9</sup> não significa que a preocupação com o homem deixe de ter prioridade ética; 8) A biodiversidade é um pressuposto para a vitalidade humana; 9) Os homens estão mais voltados para a cooperação do que para a competição; 10) O discurso ecológico não precisa ser um discurso deontológico, mas fundamentado na compreensão da relação sociedade-natureza.

Pretendo com esse artigo estudar em que sentido Espinosa é um filósofo muito sugestivo para pensarmos essas questões. Os elementos que encontro em sua filosofia que são certamente interessantes para essa abordagem colocam em risco muito do discurso verde atual, que salienta a necessidade de conservação sem fazer a crítica desse mesmo conceito. Ademais, a perspectiva ecológica vulgar acaba por depositar a responsabilidade de conservação do ambiente nos ombros dos consumidores, obrigando-os a consumirem os chamados *greenwashing*, produtos verdes, que é a mais nova estratégia do mercado<sup>10</sup>. Esses produtos carregam em si

**(CONTINUAÇÃO DA NOTA 8)** em termos imaginativos, pois a Natureza permanece inalterada e continuamos sendo uma expressão finita e singular da mesma. Ora, “tudo o que existe existe em Deus e fora dele nada pode existir nem ser concebido”, segundo a proposição 15 da mesma parte. Esse pressuposto de separação, de transcendência de nós em relação aos entes é o que nos aliena da nossa relação irremediavelmente atada a Deus, ou à Natureza Inteira.

<sup>9</sup> Essa crítica é bastante pertinente quando se lê, por exemplo, a famosa afirmação de Espinosa: “Com efeito, o intelecto e a vontade, que constituem a essência de Deus, deveriam diferir, incomensuravelmente, de nosso intelecto e de nossa vontade, e tal como na relação que há entre o cão, constelação celeste e o cão, animal que ladra, em nada concordariam além do nome” (escólio, prop. 17, parte I). Isso significa que criticar o antropomorfismo não signifique negar a Deus o que existe no homem, mas jamais reduzir a Deus o que se passa no homem. Se Deus possui vontade e intelecto e se há uma ética divina, ela é infinitamente superior e incomensurável ao saber humano. Isso não significa, no entanto, que não haja um etos humano que possa agir de acordo com o etos divino, haja vista existir em Deus tudo o que há no homem. No entanto, ainda que possa se falar desse etos divino, assim como se fala em amor divino, intelecto e vontade, tais termos se referem à Natureza Naturada e não à Natureza Naturante.

<sup>10</sup> Para uma crítica a esse consumo inteligente, verifique a análise de Daniel Goleman em “Inteligência ecológica”, no capítulo 1 da obra.

uma áurea de virtude, ocultando no mais das vezes o lado sórdido de sua produção. Por trás de cada um desses produtos pode esconder-se certamente a história de exploração dos operários que o produziram, o gasto ambiental para a fabricação de suas peças e o seu possível fim de vida como mais um poluente. Daí que o mercado como alternativa para a criação de um capitalismo sustentável seja na verdade um engodo. Existem já sites de orientação sobre o ciclo de vida dos produtos, o *good guide* é um bom exemplo, mas essa visão de transparência do mercado não permite uma nova relação com a Natureza, antes apenas faz as escolhas dos consumidores menos erradas. Novamente esse tipo de alternativa pode funcionar apenas como coadjuvante numa mudança estrutural mais profunda, a partir da qual as relações humanas e a relação com o próprio ambiente natural não tenham de ser mediadas apenas pelo mercado e consumo. Outro exemplo de alternativa para o problema dos ciclos de vida dos produtos são as atitudes dos “freganos” que não compram nenhum produto novo, apenas produtos usados e mesmo reviram lixos atrás de artigos que possam ser re-utilizados e recriados para novos fins. Ainda que essa alternativa pareça louvável, ela exige tão alto grau de autodisciplina e asceticismo que poucos estariam aptos a abraçá-la. Destarte, ela não se mostra muito eficiente quando estamos lhe lidando com um problema de ordem global e que necessite de soluções em curto prazo, além do fato de perpetuar o problema da alienação do homem com relação à Natureza. Essa alienação consiste em considerar-se um “Império dentro de um Império”.

Na medida em que novas alternativas individuais vão aparecendo é preciso que pensemos em outras que envolvam um maior número de pessoas. Essas medidas individuais nos alertam sobre uma possível nova consciência que surge, mas sendo espalhadas e estando desarticuladas com um projeto político de maior envergadura, tendem a retardar o processo de mudança. Daí que a filosofia de Espinosa seja indicativa, pois a experiência de salvação se amplia na medida em que há cooperação de mais e mais indivíduos, formando todos um só corpo, coincidindo suas

ações em um só efeito<sup>11</sup>. A felicidade em Espinosa não é virtude individual é uma potência do coletivo, é uma conquista democrática. Engajar a todos os indivíduos remete a ações pedagógicas e principalmente a uma reorganização dos dados materiais, de modo que a contingência, ou os bens da fortuna, possuam menos implicações na vida das pessoas e elas oscilem menos entre o medo e a esperança. Assim caminhando não serão necessárias medidas proibitivas, mas o apontamento de outras soluções mais eficazes, simples e menos prejudiciais à vida comunitária. Como a filosofia de Espinosa não se compromete com meras ações individuais pontuais, como ela rechaça a idéia de que temos livre arbítrio e que tudo depende apenas de nosso poder de escolha, escolhas mais inteligentes vão se constituindo a partir do momento em que surgem novas estratégias com melhor eficácia, e maior engajamento dos indivíduos. Comunidades auto-sustentáveis já existem. Economia solidária<sup>12</sup> já é um fato mesmo que em pequenas escalas. Há muitos modelos de matriz energética limpa e inesgotável: o sol é o melhor exemplo<sup>13</sup>. Assim como há muitas indicações dos danos causados pela exploração indiscriminada de recursos naturais não renováveis. Agir cooperativamente em busca dessas soluções torna-se um agir consciente, racional e mais guiado pela alegria de expansão de nosso ser do que pelo desespero de um planeta que definha. Segundo Espinosa, é com esse espírito que se anima a investigação filosófica: não estaremos agindo se estivermos sendo guiados pelo signo da destruição<sup>14</sup>,

<sup>11</sup> É indicativo porque os homens só concordam entre si quando vivem sob a conduta da razão, conforme ensina a prop. XXXV da parte IV da *Ética*. “Apenas à medida que vivem sob a condução da razão, os homens concordam, sempre e necessariamente em Natureza”. Dessa maneira a busca de um preceito que se faça acorde a todos os homens revela que o conceito de razão em Espinosa se liga a um aspecto comunicativo e também pragmático. Mais tarde na prop. XXXVI ele afirma: “O supremo bem dos que buscam a virtude é comum a todos e todos podem desfrutá-lo igualmente”.

<sup>12</sup> Ver os trabalhos de Paul Singer nesse campo.

<sup>13</sup> Veja, por exemplo, o que nos oferece o documentário Home. Nesse filme vemos o uso feliz da energia eólica e solar, com mais alta eficiência que a energia nuclear.

<sup>14</sup> “Quem se deixa levar pelo medo e faz o bem para evitar o mal não se conduz pela razão” (*Ética* IV, prop. LXIII).

estaremos apenas operando, buscando conservar uma forma de vida e de relações humanas que merecem morrer e que já são signo de morte. O homem livre não se guia pela idéia de morte, nem pelo desejo de simplesmente sobreviver: ele quer preservar seu ser, sua singularidade e sabe que não há ninguém melhor para um homem do que outro homem<sup>15</sup>. Ele não se guia pela idéia de bem e mal, pela idéia de dever, de pecado, de erro, mas pelo desejo de constituir corpo com outros homens na busca de uma alegria que cresce à medida que mais e mais pessoas se engajam nesse exercício de expansão da alegria de pensar e agir coletivamente<sup>16</sup>. Ele não precisa estipular um centro para seu pensamento, um ecocentrismo ou biocentrismo, pois mais uma vez isso é ocasião para novas deontologias, novos dualismos, uma

<sup>15</sup> Nos corolários à propos. XXXV da parte IV temos: “Não há, na Natureza das coisas, nenhuma coisa singular que seja mais útil ao homem do que um homem que vive sob a conduta da razão. [...] Logo, não há, entre as coisas singulares, nada que seja mais útil ao homem do que um homem”. E continua no corolário seguinte: “é que quando cada homem busca o que é de máxima utilidade para si, que são todos, então, de máxima utilidade uns para com os outros”. No Escólio dessa proposição vemos o humanismo espinosano: “Riam-se os satíricos, pois, das coisas humanas, o quanto queiram; excrem-nas os teólogos; enalteçam os melancólicos, o quanto possível a vida inculta e agreste, condenando os homens e maravilhando-se dos animais. Nem por isso deixarão de experimentar que, por meio da ajuda mútua, os homens conseguem muito mais facilmente aquilo de que precisam, e que apenas pela união das suas forças podem evitar os perigos que os ameaçam por toda parte. Sem falar, por ora, que é mais importante e mais digno de nosso conhecimento observar os feitos dos homens que os dos animais”. Espinosa poderia ter lido a Apologia a Raymond Sebond de Montaigne, pois a bem da verdade é que são com olhos humanos que fazemos esse tipo de comparação e enaltecimento. Em si os fatos humanos não são nem melhores e nem piores do que os dos animais. A questão mantém-se sem possibilidade de julgamento. Contra a preferência de alguns homens pelos animais, Espinosa prossegue no capítulo XIII do apêndice à quarta parte: “Daí que muitos, por causa de uma intolerância excessiva e de um falso zelo religioso, tenham preferido viver entre os animais, em vês de viver entre os homens, tal como ocorre com as crianças e os adolescentes, que não conseguem suportar com equanimidade as reprimendas de seus pais e se refugiam no serviço militar, preferindo os desconfortos da guerra e um comando tirânico aos confortos domésticos e às admoestações paternas...”

<sup>16</sup> Para ilustrar esse pensamento veja as proposições: LXVII, LXVIII da parte IV da *Ética*.



nova relação dicotômica e romantizada com a Natureza. Ele não persegue nenhum fim que não seja a expansão de sua vida, amar seus semelhantes, lutar para que todos tenham aquilo que ele deseja para si, ainda que fatores externos mais fortes, como a tristeza e a conseqüente maldade dos que lhe cercam venham a ferir suas ações, introduzir o pessimismo, os discursos de exclusão e ocasionar uma morte em vida<sup>17</sup>.

Veremos assim que a filosofia de Espinosa é boa alternativa para uma filosofia da ecologia justamente porque não se fundamenta sob o signo da catástrofe, não parte do antropomorfismo, mas tampouco aponta para a possibilidade de salvação humana em desconsideração das leis da Natureza e da anterioridade ontológica dela. Ademais, criticando as moralidades da compaixão, Espinosa coloca os problemas éticos em nova perspectiva de investigação: não é o desejo de não matar e não destruir o que orientam o verdadeiro agir ético, mas o desejo de viver melhor, de amar e prosperar. Aliás, esse signo da catástrofe<sup>18</sup> pode servir para protelarmos uma ação que se faz urgente e que demanda de todos nós uma nova tomada de posição. O pessimismo pode ser mais um luxo burguês. Daí que a lamentação sobre o que se passa não possa servir como fim de nossa atitude política, antes tem de ser o meio para que saíamos dessa posição desconfortável o mais rápido possível, construindo um novo mundo.

#### 1) NÃO HÁ NENHUM MAL EM MODIFICAR A NATUREZA<sup>19</sup>

Espinosa nos aponta que o que encontramos externo a nós e que usamos para

<sup>17</sup> Veja as proposições LXIII e LXIV da quarta parte da *Ética*.

<sup>18</sup> A própria idéia de beleza ou catástrofe se adequa a um modo de percepção humano que é subjetivo e por isso sempre passível de objeção. Para tanto, verifique o apêndice à parte I da *Ética*. Não há nem bem nem mal no deteriorar-se das coisas, nenhum mal na ruína. Esses julgamentos antropomórficos podem ser refutados por otimistas entusiasmados, que do contrário vejam o mundo sob o signo da beleza. O ceticismo sempre pode refutar esse tipo de argumento, como um de natureza oposta. Daí que não convenha falar sobre tais coisas.

<sup>19</sup> O consumo é absolutamente natural. Quando colhemos um fruto já estamos modificando a Natureza. “É totalmente impossível que não precisemos de nada que nos seja exterior para conservar o nosso ser, e que vivamos de maneira que não tenhamos nenhuma troca com as coisas que estão fora de nós. Se além disso, levamos em consideração **(CONTINUA)**

nossa sobrevivência são a própria extensão do corpo humano. As lentes que Espinosa polia funcionavam como extensão do próprio olho humano, de sua capacidade de ampliação do seu campo de experiência e de enxergar as complexidades e nuances escondidas por detrás dos acontecimentos observados. A Natureza não é um artefato, ela não é criada. O homem ao criar algo está expressando algo que é comum a ele e não à natureza. Tampouco Deus é criador. Nesse sentido, não parece existir em Espinosa a necessidade de que o homem crie artefatos para copiar as ações do criador, ou para melhorar a Natureza. Ele os cria quando as necessidades de sua criação surgem, e os cria a partir de elementos naturais que encontra na Natureza e é a própria necessidade quem dita sobre a história de tais artefatos, se vão se complexificar com o tempo ou se permanecerão os mesmos.

O homem ao modificar a natureza não a está de fato modificando, pois ele não pode reverter suas leis<sup>20</sup>. Elas continuam existindo ainda que possamos “deformar” o ambiente circundante. O que ocorre é uma modificação do próprio ser homem, já que disso nascem novas relações humanas e novas relações com a Natureza. Daí que modificar esse ambiente seja essencial para a vida humana como também seja essencial modificá-lo compreendendo que tais reconfigurações não podem levar em descrédito as possíveis respostas que a Natureza dá aos procedimentos humanos. Não se trata da visão de que o homem tenha maestria sobre a natureza e que seja capaz de aperfeiçoá-la, pois ela não persegue fins e tudo o que segue a necessidade de sua natureza já está em si mesmo perfeito e acabado<sup>21</sup>. Nem se trata também do homem

**(CONTINUAÇÃO DA NOTA 19)** a nossa mente, certamente o nosso intelecto seria mais imperfeito se a mente existisse sozinha e não compreendesse nada além dela própria. Existem, pois, muitas coisas fora de nós, que nos são úteis e que, por isso, devem ser apetecidas. Dentre elas, não se pode cogitar nenhuma outra melhor do que aquelas que estão inteiramente de acordo com a nossa natureza”. (*Ética IV*, prop. 18, escólio).

<sup>20</sup> Na parte III da *Ética*, prop. IV, Espinosa afirma que nada pode ser destruído se não por uma causa exterior. Na medida em que nada é exterior à Natureza, nada pode destruí-la. E assim sendo, os homens destroem uns aos outros ao não respeitar as leis naturais e não à natureza propriamente dita.

<sup>21</sup> Para isso, veja o prefácio à parte III da *Ética*.

poder instrumentalizar a Natureza, já que a anterioridade ontológica dela impede visualizá-la como um instrumento, e isso seria ainda uma visão inadequada. Modificar o meio circundante construindo artefatos reafirma a relação monista homem-Natureza já que para que haja essa modificação ele tenha necessidade de estudo dos próprios recursos naturais para gerar sua riqueza, assim como a construção de artefatos não visa à melhora desse meio ambiente, mas sim das condições de sua habitação pelos homens. Ora, melhorar as condições de nossa habitação do planeta não pode coincidir com tornar essas condições inóspitas, o que seria um absurdo. A Natureza enquanto casa e enquanto constitutiva do próprio ser homem só pode ser signo de maior expansão da vida humana se as variações que o homem lhe imprime forem também signo de novas relações entre os homens, relações de alegria, confiança mútua e amizade. No nosso atual sistema de organização material tanto a natureza quanto o homem servem como objetos para outros fins, que não expressam a expansão de novas relações humanas e degradam os recursos naturais disponíveis, colocando em risco a própria sobrevivência de nossa espécie.

Espinosa não acreditaria que a saída para os desastres ecológicos atuais estivesse num retorno ao estado de natureza, ou uma volta para a Natureza. O Estado de Natureza se caracteriza pela sua instabilidade, pelo medo constante com relação à própria vida e pela visualização do outro como uma ameaça permanente. O estado de natureza é um estado de guerra, de competição e de dificuldade de cooperação<sup>22</sup>. É preciso que compreendamos que a alteração do ambiente circundante coloca os homens em estado cooperativo, uma vez que um homem não conseguiria efetivar sozinho essa modificação. De fato, as diferentes organizações da vida material não teriam tido sucesso se não pressupusessem um mínimo de cooperação entre os homens. E a idéia do homem como animal competitivo tem se tornado cada vez mais mítica<sup>23</sup>.

<sup>22</sup> Para isso, verifique o capítulo II do seu *Tratado Político*.

<sup>23</sup> William Ury, em seu livro "Alcançar a paz" mostra como as modernas pesquisas arqueológicas provam que sem cooperação teria sido impossível a sobrevivência do animal humano.

De outra parte, um retorno à Natureza seria absurdo, pois jamais saímos dela e tudo o que fabricamos possui como matéria prima elementos encontrados na Natureza<sup>24</sup>.

## 2) O CONCEITO DE NATUREZA É ONTOLOGICAMENTE ANTERIOR AO CONCEITO DE HOMEM

Do exposto no item 1 segue-se que a Natureza não é um conceito que seja socialmente construído, seu conceito é logicamente anterior ao conceito de sociedade e antes é o conceito de sociedade que deve ser guiado pelo conceito de Natureza.

Antes há que se notar que Espinosa oferece dois conceitos para natureza. Natureza Naturante, que é a realidade eterna auto-causante expressa pela substância e pelos seus atributos, dos quais conhecemos o pensamento e a extensão e Natureza Naturada, que é auto-modificação infinita dessa primeira Natureza, sendo assim logicamente posterior a esta e por isso causada por ela<sup>25</sup>. Quando estamos falando em Natureza no sentido de ambiente circundante, e da totalidade de leis e relações desse ambiente estamos nos referindo à Natureza Naturada e não à Natureza Naturante. O homem enquanto modificação finita da Natureza tanto Naturante quanto Naturada não pode ter primazia conceitual nem sobre uma, nem sobre a outra. Com isso ele não se compreende se não compreende o que seja tanto uma quanto a outra.

A Natureza Naturante se define como livre: sua necessidade é sua própria liberdade. A Natureza, em seu sentido forte, não pode ser reificada, não se reduz a imagens humanas, pois ela é a própria liberdade e essa liberdade se expressa pelo infinitos caminhos que pode seguir para sua auto expressão. Esses caminhos são em si mesmos livres, e são os caminhos de expressão que chamamos de atributos. É por isso que Espinosa diz *Deus sive Natura* e não *Natura sive Deus*. Ao dizer a primeira sentença ele está querendo dizer que Deus, enquanto conceito não reificável e enquanto realidade livre é a própria potência infinitamente infinita que é a Natureza.

<sup>24</sup> Já que tudo o que existe, existe em Deus e fora dele nada pode existir nem ser concebido. Vide prop. 13 parte I da *Ética*.

<sup>25</sup> Para isso verifique as notas de 1 a 10 desse artigo.

Se dissesse *Natura sive Deus* poderíamos confundir e reduzir Deus à própria natureza observada, à natureza Naturada e recair num naturalismo biológico que expulsa a noção de liberdade e faz dela antinômica com a necessidade. Se as leis as quais a natureza segue são livres e se seus caminhos de auto-expressão são também livres e infinitos, é inútil prosseguirmos com a imagem de que o homem, que segue apenas as necessidades de sua Natureza, possa vir a destruí-la. Segue-se também que são as noções de livre necessidade ou liberdade necessária que permitem ao homem a justa compreensão da Natureza em seu sentido primeiro e logicamente anterior a qualquer outro.

A Natureza Naturada é modificação infinita da Natureza Naturante, por isso também ela só pode ser compreendida em relação àquela. Se a Natureza Naturante é um verbo, uma ação, a natureza naturada também é uma ação, que se compreende em relação a essa ação primeira. Estamos nesse artigo nos referindo à Natureza Naturada e nesse sentido afastando qualquer relação de criação e dualismo entre Deus e Natureza. E sendo o homem uma parte da Natureza Naturada estamos nos afastando também de qualquer imagem dicotômica entre homem-Natureza. O homem se definirá enquanto ação finita em relação com outras ações finitas naturais e em relação ao conjunto de todas essas relações, que é a ação da Natureza Naturada. Natureza não se trata aqui da imagem idílica de um paraíso selvagem ainda não atormentado pela ação humana, mas o conjunto de todas as ações naturais que o seu conceito envolve. A cultura da máquina imprime um novo significado à paisagem natural, mas não a sucumbe: os arranha céus, guindastes, automóveis imprimem um nova paisagem natural. O homem não se afasta da Natureza e se ela se verte em uma paisagem mediada pela ação humana, isso ele o faz para fazer da natureza uma casa mais habitável e não porque queira negá-la ou porque possa transcendê-la. Não há dicotomia entre Natureza e História<sup>26</sup>. A pura consideração de que somos seres históricos e culturais fez com que o discurso acerca da

<sup>26</sup> Para isso veja o que Espinosa diz no capítulo VII do *Tratado Teológico-Político*. Ele afirma que Natureza não é senão História da Natureza.

natureza perdesse seu sentido. Ela deixou de ser interessante para a filosofia porque natureza passou a significar o reino do determinismo e não também da liberdade, criando uma barreira entre o que é natural e o que é cultural, entre o universalismo de suas leis e a pluralidade de manifestações dos diversos povos. Mas tudo o que é cultural é natural: da natureza seguem-se infinitas coisas de infinitos modos. Diferentes expressões de comportamento não podem ser consideradas anormais ou inaturais: isso seria o mesmo que chamar o homossexualismo de não natural<sup>27</sup>. A Natureza não persegue fins, somos nós que damos finalidade às ações naturais. Os que advogam que o homem se afasta da Natureza ao transformá-la estão perpetuando a imagem inadequada de que o homem seja capaz de fazer da Natureza um objeto externo, submetido ao seu planejamento, dominação e controle. E igualmente os que pensam a Natureza como contraposta à cultura, dão continuidade a esse tipo de dualismo. Espinosa continuamente afirma o absurdo de se pensar que o homem possa perturbar a ordem Natural, ele apenas a segue com a mesma necessidade.

### 3) A CRÍTICA AO ANTROPOMORFISMO NÃO SIGNIFICA DEVOTAR VALOR INTRÍNSECO À NATUREZA

Os defensores dos direitos dos animais e os ecologistas profundos fundamentam a sua posição com base na idéia de que o antropomorfismo é um erro crasso, fruto da arrogância humana e que os animais e a Natureza possuem um valor intrínseco, um direito inalienável de continuar a viver. Ao pensarem assim, de antemão pensam homem separado de animal e o homem separado de Natureza. Reafirmam sem querer a não animalidade humana e anti-naturalidade do homem. Perpetuam o argumento cristão de que o homem é um ser de origem sobrenatural<sup>28</sup>. Para tanto, eles advogam a necessidade de uma perspectiva biocêntrica e ecocêntrica, na qual o

<sup>27</sup> Além da citada proposição XVI da parte I da *Ética*, veja também o capítulo II do *Tratado Político* de Espinosa.

<sup>28</sup> Luiz Felipe Pondé afirma em seu Livro "Conhecimento na Desgraça" que é essa sobrenaturalidade humana, pressuposta na filosofia cristã pascaliana, o fundamento de sua epistemologia agônica.

homem possa se ver como mais um dos tipos viventes no planeta e em harmonia com outras espécies. Assim, o planeta enquanto casa de vários seres de naturezas distintas poderia ser o lugar de uma coexistência pacífica, fundamentada no gozo de um convívio harmonioso e compassivo. Daí que o mote principal de suas argumentações esteja na ênfase dada à compaixão pelos homens a estas outras formas de vida que convivem por aqui.

O que eles possuem de comum com Espinosa é justamente essa crítica ao antropomorfismo. Muitos deles consideram que Espinosa seja um grande referencial teórico para as suas posições, desconhecendo, no entanto, que o filósofo abomina a compaixão por ser uma paixão triste, que ele não escreve tendo em vista a idéia de uma comunidade entre espécies, já que o conceito de comunidade parece ter sentido apenas para os homens<sup>29</sup>. Quando dizemos que outras espécies vivem em comunidade, isso é uma interpretação nossa, que em nada faz sentido para as próprias espécies referidas. Uma formiga compreende sua relação com outras formigas como uma relação comunitária? Não podemos saber.

A argumentação de Espinosa incide contra aqueles que imaginam a Natureza e para isso invoca a necessidade de compreendê-la. Inteligir o que seja Natureza exige de nós despirmos-la de todas as atribuições humanas que costumamos devotar-lhe e que fazemos justamente por estarmos alienados de seu conceito. Nada na Natureza tem valor intrínseco: dar valor a algo é dar-lhe um sentido, uma orientação, um fim humano. Nem a Natureza possui um valor intrínseco, nem os animais, nem mesmo os homens. Deixar de comer carne por compaixão dos animais é para Espinosa um motivo absurdo, fútil, frívolo<sup>30</sup>, se for

comprovada a necessidade de seu consumo para a nossa preservação. Se todas as atribuições de valor são atribuições humanas, os que criticam o antropomorfismo, mas advogam a tese de que a natureza possua um valor intrínseco, estão sendo antropomórficos e imaginando a natureza e não a inteligindo. E assim procedendo, reafirmam a tese do homem num império dentro de um império: o homem como o indivíduo capaz de recuperar a ordem natural das coisas já que foi ele o responsável pela sua desordem atual. Essa tese é constantemente rebatida por Espinosa, pois ela circunscreve a negação de uma relação monista homem-natureza.

Uma perspectiva ecocêntrica não deixa de ter repercussões antropocêntricas, já que visa a melhoria das condições de vida humana. Mudar de um centro de discussão para outro, estabelecer um centro de prioridade não faz sentido se o homem ficar esquecido. Os ecologistas profundos que criticam o antropomorfismo o fazem com a idéia de que toda a organização material imposta pelo homem foi realizada considerando apenas a melhoria de nossas condições de vida, ignorando que existem outros seres que habitam também nessa casa: essa

**(CONTINUAÇÃO DA NOTA 30)** que exige sua própria Natureza, considerada em si mesma. [...] Por isso é evidente que a lei que proíbe matar os animais funda-se mais numa superstição e numa misericórdia feminil do que na sã razão. O princípio pelo qual se deve buscar o que nos é útil nos ensina, indubitavelmente, a necessidade de nos unirmos aos homens e não aos animais ou às coisas cuja natureza é diferente da natureza humana. Temos sobre eles os mesmos direitos que têm sobre nós. Ou melhor, como o direito de cada um se define por sua virtude ou potência, os homens têm muito mais direito aos animais do que estes sobre os homens. Não nego, entretanto, que os animais sintam. Nego que não nos seja permitido, por causa disso atender á nossa conveniência...”. Julgo que esse humanismo extremado de Espinosa é extremamente perigoso, uma vez que em nome dessa conveniência, animais são torturados, impossibilitados de viver e a carne produzida nas modernas fazendas industriais estão mui longe de ser convenientes para os homens, tamanha é a quantidade de produtos químicos que nelas se encontram. Ainda que matar animais para consumo seja necessário para a manutenção do equilíbrio ecológico, o consumo excessivo de carne pode colocar em risco a segurança alimentar. Vide: <[http://www.segurancaalimentar.ufrgs.br/consumidor\\_dicas9colesterol.htm](http://www.segurancaalimentar.ufrgs.br/consumidor_dicas9colesterol.htm)> e <<http://www.saudecomciencia.com/2009/03/carne-vermelha-males-que-o-consumo.html>>.

<sup>29</sup> Aqui eu me afasto de Eccy de Jonge, justamente porque ele advoga que na filosofia de Espinosa há um pressuposto da compaixão pelos seres viventes, o que não se verifica nos trabalhos do filósofo.

<sup>30</sup> Veja por exemplo o que Espinosa fala no escólio da proposição 37 da parte IV: “A verdadeira virtude nada mais é do que viver exclusivamente sob a condução da razão, enquanto a impotência consiste no homem se deixar conduzir apenas pelas coisas que estão fora dele e em ser determinado por elas a fazer aquilo que o arranjo ordinário das coisas exige e não aquilo **(CONTINUA)**”



ignorância se liga à desconsideração não só dos animais, mas das mulheres, dos homossexuais, das crianças, dos deficientes. Daí que existam movimentos ambientalistas de inspiração queer, gls, feminista. Todos atacam o antropomorfismo como entronização de uma idéia determinada de homem, a do macho branco, que exerce seu domínio sobre outras formas mais frágeis. Insistem com isso que a crítica ao antropomorfismo é a crítica de um sistema de exploração a qual a natureza é apenas uma das possíveis vítimas. Dessa maneira o antropomorfismo se liga à dominação de uma imagem do que seja o homem e a perseguição indiscriminada de seus fins.

Igualmente, a crítica ao antropomorfismo em Espinosa não tem como finalidade nos desligar de preocupações humanas: pelo contrário, requer que compreendamos que o ponto de partida não somos nós, algo nos antecede e nos constitui, esse algo não pode ser pensado a partir de nós, mas apenas de si mesmo e que o compreendemos porque temos como objetivo principal a expansão da vida humana. A idéia de natureza Naturante como Liberdade e de Natureza Naturada como modificação dessa liberdade necessária não elege nenhum tipo de homem como modelo, antes tenta pensar o ser humano na sua universalidade, que são as infinitas expressões necessárias de seus corpos.

Espinosa escreve toda a primeira parte da *Ética* tratando das relações de substância, atributos, modos infinitos e finitos. Alguém poderia acreditar que ao escrever a parte II ele estivesse destinado a falar acerca de todos os modos finitos, mas ele mesmo diz que se destina a falar de um modo finito específico, que é o homem<sup>31</sup>. Nas demonstrações do livro I da *Ética*, quando Espinosa tratava dos atributos ele em primeiro lugar se referia ao pensamento para

<sup>31</sup> Veja-se, por exemplo, o que é dito no prefácio da parte II: “Passo agora a explicar aquelas coisas que deveriam seguir-se necessariamente da essência de Deus, ou seja, da essência do ente eterno e infinito. Embora tenhamos demonstrado, na prop. 16 da p. 1, que dela devem se seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras, não explicarei, na verdade, todas, mas aquelas que possam nos conduzir, como que pela mão, ao conhecimento da mente humana e de sua beatitude suprema”. Aqui fica clara a opção de Espinosa pelas questões humanas, ainda que tenha partido da infinitude da Natureza Naturante, passando pela infinitude da Natureza Naturada e não se detendo nela.

mais tarde conceder à extensão as mesmas propriedades de causalidade eficiente imanente livre e necessária que foram dadas ao pensamento. Mais tarde, quando no livro II ele quer tratar do homem, ele primeiro procura conhecer o corpo humano para depois conhecer as idéias desse corpo que constituem a sua mente<sup>32</sup>. O corpo humano tem um estatuto privilegiado, pois é a complexidade de um corpo que mostra a complexidade de sua mente. E não querendo fazer taxonomia de espécies, Espinosa mostra que é o corpo humano um princípio diferenciador entre os diversos homens<sup>33</sup>. Isso significa que em um primeiro momento expressa-se aqui a capacidade que alguns corpos possuem sobre outros de afetar um maior número de corpos. Por isso, muitas vezes, a distinção entre dois homens parece mais abissal do que a diferença entre um homem e um cavalo<sup>34</sup>. Se

<sup>32</sup> No livro I da *Ética* Espinosa explica o que ocorre com os atributos partindo, em primeiro lugar, do pensamento para em seguida explicar o atributo extensão. Quando, depois da proposição XIII da parte II ele explica sua pequena física, ele fala em seguida a partir da prop. XIV que o que se segue desse objeto da idéia, ou seja, do corpo, seguir-se-á também da idéia. Para maiores informações, vide capítulo 2, da minha dissertação de mestrado “O estatuto do corpo humano na *Ética* de Espinosa”, UnB, julho de 2004.

<sup>33</sup> Veja que Espinosa ao tratar dos homens na *Ética* não procura diferenciá-los dos animais, mas a partir de seus próprios corpos ou disposições corporais a se diferenciarem entre si. Por isso sua ênfase a compreender o que pode o corpo humano, como fica atestado na prop. II da parte III da *Ética*.

<sup>34</sup> “Disso se segue que os afetos dos animais chamados irracionais (pois, desde que conhecemos a origem da mente, não podemos, de maneira alguma duvidar do fato de que os animais sentem) diferem dos afetos dos homens tanto quanto sua natureza difere da natureza humana. É verdade que tanto o cavalo quanto o homem são impelidos a procriar pelo desejo sexual, mas o primeiro por um desejo de cavalo e outro por um desejo humano. Da mesma maneira, também os desejos sexuais e os apetites dos insetos, dos peixes e das aves devem diferir entre si. E, assim, embora cada indivíduo viva contente e se encha de gáudio para com a natureza de que é constituído, a vida com a qual cada um está contente e o seu gáudio não são, entretanto, nada mais do que a idéia ou a alma desse indivíduo e, portanto, o gáudio de um discrepa do gáudio de outro tanto quanto a natureza ou a essência de um difere da natureza ou essência do outro. Segue-se enfim [...] que tampouco é a diferença entre, por exemplo, o gáudio que toma conta do ébrio e o gáudio de que goza o filósofo, observação que quis fazer aqui de passagem”. (*Ética III*, prop. LVII, escólio).

não há ninguém “melhor para um homem do que outro homem”<sup>35</sup> é porque nosso poder de afetar outros homens é incomparavelmente superior ao nosso poder de afetar outras espécies de animais, ainda que possamos afetá-los também. Destarte torna-se inconcebível o desejo de alguns homens de quererem viver como animais, ou apenas na sua companhia, esquivando-se do convívio humano. Ao compreender o corpo como o lugar da expressão humana, Espinosa advoga uma base materialista de compreensão das diferentes relações entre homens e animais. Isso implica também a não padronização de um tipo de homem determinado, mas apenas um modelo de comportamento que possa ser fruído por todos os corpos: que é a extensão máxima de seu poder expressivo.

Certamente Espinosa concordaria com a perspectiva dos verdes da Ecologia profunda na consideração de que a crítica ao antropomorfismo é um pressuposto para um novo tipo de filosofia. Mas ele discordaria das implicações biocêntricas da ecologia profunda. Não devemos matar o inseto que causa a malária? É necessário deixar o vírus da Aids vivo pois ele é uma forma de

vida que merecesse também se perpetuar? Assumir a crítica ao antropomorfismo não coincide com considerar as formas de vida com um igual valor intrínseco, até porque nada suporta em si tal valor. Se nada é melhor para um homem do que outro homem, visamos em primeiro lugar a conservação dos homens. Mas, se sabemos que a conservação dos animais implica numa melhoria para a vida humana e que sua destruição gratuita não nos é útil em nada, sendo muitas vezes prejudicial a nós, compactuar com sua destruição seria uma forma de irracionalismo<sup>36</sup>. Não conservamos a vida dos animais por compaixão, mas simplesmente porque a existência deles em nada atrapalha a nossa, podendo todos coexistirmos juntos, para maior riqueza do meio ambiente e da experiência humana. Os homens convivem melhor entre os homens, mas a história humana oferece exemplos de bom convívio também com os animais. Compreender a estrutura do corpo humano é fundamental para a antropologia filosófica espinosana, mas interpretar outras formas de vida nos ajuda a conhecer também um pouco de nossa naturalidade.

A maior complexidade do corpo de determinados animais acarreta uma maior complexidade de sua mente: estes seres não são para Espinosa desprovidos de consciência, eles não são máquinas auto-moventes como em Descartes. “Não nego que sentem”. Possuem graus de inteligência, ainda que distantes da nossa ou diversa da nossa<sup>37</sup>. É mais provável que sofram com os maus tratos do que lhe sejam indiferentes: em que o homem lucraria fazendo-os sofrer? Quando conhecemos caminhos que minimizam o sofrimento dos animais, não é racional os adotarmos?

<sup>35</sup> No escólio da prop. LIX da parte III temos: “Remeto todas as ações que se seguem dos afetos que estão relacionados à mente à medida que ela compreende, à fortaleza, que divido em firmeza e generosidade. Por firmeza compreendo o desejo pelo qual cada um se esforça por conservar seu ser, pelo exclusivo ditame da razão. Por generosidade, por sua vez, compreendo o desejo pelo qual cada um se esforça, pelo exclusivo ditame da razão, por ajudar os outros homens e para unir-se a eles pela amizade. Remeto, assim, à firmeza aquelas ações que têm por objetivo a exclusiva vantagem do agente e à generosidade aquelas que têm por objetivo também a vantagem de outro”. Assim, é por fortaleza que nos unimos e ajudamos a outros homens. No escólio da prop. XVIII da parte IV Espinosa diz: “Com efeito, se, por exemplo, dois indivíduos de natureza inteiramente igual se juntam, eles compõem um indivíduo duas vezes mais potentes do que cada um deles considerado separadamente. Portanto, nada é mais útil ao homem do que o próprio homem. Quero com isso dizer que os homens não podem aspirar nada que seja mais vantajoso para conservar o seu ser do que estarem, todos, em concordância em tudo de maneira que as mentes e os corpos de todos componham como que uma só mente e um só corpo, e que todos, em conjunto, se esforcem, tanto quanto possam, por conservar o seu ser, e que busquem, juntos o que é de utilidade comum para todos. Disso se segue que os homens que se regem pela razão, isto é, os homens que buscam, sob a condução da razão, o que lhes é útil, nada apetezem para si que não desejem também para os outros...”.

<sup>36</sup> No filme “Não matarás”, documentário do instituto Nina Rosa (2006), temos fortes imagens de instrumentalização da vida animal que servem mais à indústria do que a qualquer melhoria da vida humana. Os experimentos feitos em animais na ciência, muitas vezes não servem para a segurança humana haja vista o fato de que o que se observa em um animal não pode ser observado em outro. Assim, um medicamento que seja seguro em um rato não é obviamente 100% seguro para os homens. Permanecemos cobaias da indústria, enquanto que animais servem como objetos de manipulação e maldade humana.

<sup>37</sup> Veja a demonstração da prop. XIII da parte II da *Ética*.

A natureza como lugar da liberdade e da infinitude aceita múltiplas formas de vida, das quais o homem é apenas uma delas. A própria história humana revela uma infinidade de comportamentos igualmente necessários. O que dizer quando se trata de toda a natureza! Essa pluralidade de manifestações efetiva o nascimento de vários tipos de relações distintas, de possíveis encontros e de novos acordos. Novas experiências se tornam passíveis de intelecção e de expansão da inteligência humana. Preservamos essa pluralidade não porque somos bons e compassivos, mas porque sabemos que temos necessidade disso tudo para melhorar a qualidade de nossas vidas. Preservamos também não porque encerram um valor em si, porque são dignas de respeito, louvor e admiração. Preservamos não porque são o lugar dos espíritos, não porque sejam o lugar dos deuses, não porque a natureza seja um deus, nem porque o sol seja nosso irmão e a lua nossa irmã. Preservamos porque nos é mais útil preservar. Acreditar que se lucra destruindo a natureza, explorando suas riquezas indiscriminadamente, sem considerar o ônus futuro dessa exploração é prejudicar a vida dos nossos filhos e netos. Mas que alguém compreenda que haja esse ônus é algo que só é possível para quem se esforça estar no terceiro gênero de conhecimento e não possui uma visão parcial das relações, mas as compreende a partir da consideração da substância e de seus atributos. Com isso, creio ter demonstrado também o quarto ponto, qual seja: “Não existe em Espinosa nenhuma justificativa de que a ação sobre a Natureza deva ser interrompida mediante um princípio de compaixão, mas sim que essa ação deve ocorrer através do conhecimento de suas leis e cooperando com ela”.

##### 5) A NOÇÃO DE AMOR INTELECTUAL A DEUS É O ESBOÇO DE UMA INTELIGÊNCIA AFETIVA, POLÍTICA E ECOLÓGICA;

Espinosa encerra a sua parte V da *Ética* esboçando um plano de conseqüências éticas infinitas para a condição humana: o fim último ao qual devemos aspirar é a felicidade, tal como é *topos* clássico na filosofia. Essa felicidade ou beatitude é o gozo de uma alegria ininterrupta. Alegria é definida por Espinosa não como mera hilaridade, que é a experiência instável entre

aumento e diminuição de potência. A alegria do bêbado é uma falsa alegria, pois se verte em vergonha e arrependimento na manhã seguinte. Assim como a alegria do homem trapaceiro é sempre instável, pois depende de sua capacidade de continuar enganado os outros. A alegria de que Espinosa fala é a virtude do homem sábio e jamais é instável: antes é uma experiência de liberdade e isenta de arrependimentos<sup>38</sup>. Por ser ininterrupta a felicidade é um aumento constante da nossa afirmação diante da vida, de nossa potência expressiva: ela pressupõe um equilíbrio dinâmico tal como os pêndulos de Huygens<sup>39</sup>. Esse modelo mecânico está de acordo com as teorias políticas de sua época que tendem a pensar a vida política como um ajuste de forças, um equilíbrio entre várias forças possíveis.

O pêndulo de Huygens é um pêndulo complexo: ele pressupõe o ajuste com outros pêndulos que estão também em movimento. Sua tendência é buscar equilibrar-se com estes outros pêndulos justamente porque ou atingem uma maior amplitude ou se destroem. Quando conseguem atingir essa maior amplitude suas variações de movimento e repouso permanecem constantes. Assim como Espinosa definiu os corpos simplicíssimos do livro II da *Ética* por essa variação de movimento e repouso, o corpo humano, formado por vários corpos simplicíssimos é em si um pêndulo complexo. E ao fazer corpo com outros corpos é um outro pêndulo ainda mais complexo. Disso pense-se a complexidade da Natureza inteira!

A existência humana se liga a outros corpos. Ela não pode ser pensada em separado deles. Sua felicidade está a mercê do modo como juntos possam ganhar maior amplitude ou se destruir. Para que não se destruam, os homens se unem: a união é o pressuposto não apenas de uma vida feliz, mas de uma vida possível<sup>40</sup>. Isso

<sup>38</sup> “O amor para com Deus é o mais constante de todos os afetos e que, enquanto está referido ao corpo, não pode ser destruído senão juntamente com o próprio corpo”. (*Ética* V, pro. XX escólio.).

<sup>39</sup> Para isso veja minha dissertação de mestrado, op. Cit. e os trabalhos nesse campo de Daniel Parrochia e Evelyne Guillemeau.

<sup>40</sup> É bom que consideremos que para Espinosa “o desejo que surge da alegria é, em igualdade de circunstâncias, mais forte que o desejo que surge da tristeza” (*Ética* IV, prop. XVIII).

parece estar mais de acordo com uma visão otimista da Natureza humana, ainda que Espinosa seja um representante do realismo político. Os homens são seres que se unem, voltados ao amor, são seres que buscam alegria, jovialidade, que preferem a união à solidão. O amor que nasce da compreensão de nossa necessidade de união é um amor que nasce da compreensão de nossa verdadeira natureza: não é mais um amor instável, que procura infundir desejo no objeto amado para não perder o seu amor. Não é uma união baseada no medo, mas baseada no desejo de maior plenitude e liberdade, o suposto de uma vida segura. É um amor que se fundamenta na razão e que se consolida como forte laço de amizade. Daí que o casamento possa ser para Espinosa um signo de relação racional e não de união consolidada pelo mero desejo sexual, que é sempre instável, sujeito ao desinteresse das partes, do ciúmes e da vingança.

Quanto mais um homem se une a outros homens por forte laço de amizade, mais esse homem ama e deseja a verdade e mais ele a encontra nessas relações. Quando o homem ama esse mesmo amor, ama a verdade da união e a necessidade que tem de estar em comunhão com outros homens, mais esse amor é estável, eterno e mais é intelectual. Quanto mais o homem experiencia que sua potência aumenta com o contato com outros corpos, mais ele os ama. E quando essa potência cresce indefinidamente, de maneira constante, mais ainda os ama. Se a potência decresce, mais, no entanto ele desconfia dos homens, mais se frustra e mais se decepciona. Mais ele deseja a solidão, mais ele se vê sozinho<sup>41</sup>. Por isso que o homem livre, mesmo sabendo que precisa de outros corpos, não coloca sua alegria nesses outros corpos, mas na necessidade e eternidade das idéias de união que lhes anima. Corpos instáveis ao fazerem corpo com outros corpos podem comunicar justamente sua instabilidade. O homem sábio não se frustra, porque o objeto de seu amor não é um indivíduo determinado: ele ama a união dos corpos, a verdade de que essa união é a base da verdadeira alegria e felicidade. Assim, antes

ele tem piedade dos que perseguem apenas seus fins individuais sacrificando tudo à sua volta do que os odeia, pois esses indivíduos não os afeta de tristeza profunda<sup>42</sup>. Quando o homem ama a verdade da união com outros homens, ama a verdade de que todos somos parte de um mesmo contexto político, histórico, e principalmente natural, de que estamos todos irremediavelmente unidos uns aos outros. Destarte, ele apenas deseja amar e prosperar, busca apenas amar e seu amor é intelectual, não é passional. Tais idéias afetam outros corpos, os animam, pois dá sentido de eternidade, de perpetuidade da vida, ainda que saibamos da morte e de nossa finitude. Quanto mais um indivíduo é tomado por essa espécie de amor, mais ele é capaz de infundir amor nos demais indivíduos: pois todos buscamos amar. A Natureza não persegue fins: persegue apenas a manutenção de seu agir livre que é modalizado infinitamente no atributo extensão pelas relações de movimento e repouso. Assim, a única tendência de um movimento é se manter enquanto tal, o que dá origem ao princípio de inércia<sup>43</sup>. Ou seja, é a verdade ontológica do devir, enquanto modalização do atributo eterno da extensão quem confere a verdade do princípio de inércia.

Agora pensemos que o amor intelectual a Deus de Espinosa é uma experiência crescente de amor que sai do âmbito do amor aos homens e caminha sempre para uma amplitude maior. Essa amplitude terá como objeto não apenas o conjunto dos homens, mas a natureza inteira. Assim como ama a cooperação com outros homens, ama cooperar com a Natureza. Assim como ama a união que o une a outros homens, ama a união com a Natureza inteira. Assim como percebe que é um pêndulo complexo que ganha altitude com outros pêndulos complexos, assim ele vê a Natureza inteira como um imenso

<sup>42</sup> “O homem amará com mais constância o bem que ama e apetece para si próprio se vir que outros também o amam”. (*Ética* IV, prop. XXXVII, demonstração alternativa). São as idéias confusas e mutiladas que impedem os homens de amar verdadeiramente a Deus e por isso uns aos outros. O verdadeiro amor jamais gera situações de ciúmes.

<sup>43</sup> O princípio de inércia é enunciado apenas na pequena física da prop. XIII da parte II da *Ética*, enquanto que a noção de *causa sui*, de auto conservação do ser é a primeira definição da *Ética*.

<sup>41</sup> “À medida que os homens são afligidos por afetos que são paixões podem ser reciprocamente contrários”. (prop. XXXIV, parte IV da *Ética*).



indivíduo, um imenso pêndulo que o leva para amplitudes inimagináveis. Sua cooperação não se dá apenas no nível da comunidade dos homens que o cercam: vai além para a comunidade de todos os homens e caminha para a comunidade de toda a Natureza, expressão máxima que temos do agir de Deus. Ele ama e se deleita com a relva verdejante, com o perfume das flores, com a beleza da música, com o sabor das frutas, com a diversidade de bens que existem na natureza e que cooperam para a expansão do seu ser. É próprio do homem sábio espinosano rejeitar os asceticismos, em busca dos prazeres estáveis que são oferecidos pelo deleitar-se das obras da Natureza. Mais amando a natureza, mas ele é expressão do amor intelectual que Deus tem por si mesmo. Mais o poder natural pode expandir-se por meio do amor humano.

É um amor que possui conseqüências políticas, porque funda a própria idéia de democracia. É um amor que possui conseqüências ecológicas, porque dá ao homem o gozo de uma vida finita intensa, eterna e em comunhão com toda a natureza. É um amor que se liga às nossas condições históricas, ao que determina nesse momento nossa finitude: por isso, ainda que esse amor surja em qualquer momento histórico, ainda que um indivíduo possa ser feliz mesmo cercado de infelizes, o crescimento desse amor depende da adesão de um número maior de pessoas e do maior triunfo da idéia de união.

6) A VERDADEIRA CAUSA DE TRISTEZA E MÁS RELAÇÕES ENTRE OS HOMENS NASCE DE SUA RELAÇÃO ALIENADA COM A NATUREZA (O QUE SUPOMOS SER O PRINCÍPIO DA PROPRIEDADE), DAÍ QUE COOPERAR COM A NATUREZA É CAMINHO PARA UMA NOVA VIDA COLETIVA FELIZ, SAUDÁVEL E CHEIA DE VITALIDADE<sup>44</sup>.

A visão instrumentalizada da Natureza é o que pressupõe a idéia de propriedade. Uma relação não alienada dos bens naturais implica a idéia de que é um bem comum a todos,

<sup>44</sup> A noção de propriedade só existe no estado civil e ela só existe mediante uma decisão consensual em dizer que isto é deste e isto daquele. Não quero dizer que Espinosa deseje retornar ao estado de Natureza onde não há propriedade. Quero dizer apenas que a noção de propriedade pressupõe a idéia de abstração e do trabalho de um indivíduo apenas e não de toda a Natureza cooperando com o trabalho.

oferecido a todos e do qual todos devem dispor com igual direito e poder. No estado de natureza o direito do homem se estende ao seu poder: quem tem o poder de matar tem também o direito a isso. Quem pode se apropriar dos bens naturais tem direito a isso.

O estado de natureza está longe de ser o estado desejado por Espinosa: antes, ele freqüentemente afirma como no estado civil todos podemos ter mais comodidade na vida e melhores relações materiais justamente porque cada um se ocupa com uma atividade determinada, havendo maior especialização e melhor oferta de bens e serviços. Se prosperamos mais em união do que sozinhos, é óbvio que o estado civil, por se sustentar justamente na idéia de cooperação, é preferível.

No entanto, quando não há cooperação e sim exploração da natureza, é certo que haverá também exploração de outros homens. A idéia de exploração é camuflada com a falsa propaganda de que todos estão trabalhando igualmente e todos estão dispondo da riqueza da mesma maneira. Uma visão alienada da Natureza considera-a como pura exterioridade, como objeto disponível, gratuito, pronto a ser devorado. Uma visão não alienada da Natureza considera-a como sustento, como o que pressupõe a nossa própria vida.

De igual modo, seguindo as conseqüências do item anterior, uma visão alienada da Natureza considera os outros homens como indivíduos desconectados uns dos outros, independentes uns dos outros e podendo viver à margem uns dos outros. E assim os tendo, considera-os como passíveis de exploração e geração de riqueza tal como ocorre com uma visão alienada da Natureza. A idéia de cooperação só é possível quando o homem reconhece que é uma parte de um todo maior e que só consegue desempenhar bem o seu papel quando está atuando com outras partes em espírito de coletividade: a idéia de cooperação ultrapassa a finitude da experiência humana, justamente porque os que virão darão continuidade a obra que se processa nesse momento e farão ainda melhor por possuírem maior experiência histórica. Conforme dito, sem um mínimo de cooperação a vida humana é impossível: por isso a exploração irrestrita não condiz com a preservação da vida. A idéia de

exploração pressupõe o individualismo<sup>45</sup>. Mas um individualismo que possui a noção de Eu como princípio de filosofia. Antes, em Espinosa o princípio é a natureza e como conseqüência disso, a modalização dos corpos tem como princípio sempre um nós. Nossos corpos.

Não há em Espinosa uma crítica à egologia cartesiana como encontramos, por exemplo, em Blaise Pascal<sup>46</sup>. Ainda que filósofos muito distintos ambos se aproximam por suas críticas à idéia de suficiência humana própria ao espírito humanista e por não optarem pela idéia de Eu como princípio da investigação filosófica. Tanto em Pascal quanto em Espinosa é pressuposta a idéia de que na união reside a grandeza do homem e na solidão a sua tristeza: no caso de Pascal, por se tratar de um cristão, da união com Deus que permite por seu turno o amor e a união com os homens; e no caso de Espinosa da união com Deus que é a mesma coisa que a união com os homens e com os outros seres naturais, já que Deus é imanente.

Daí que a alienação de Deus seja a causa da tristeza para Espinosa e da miséria e desgraça humanas para Pascal. O homem, segundo a filosofia espinosana, ao se alienar da verdadeira idéia de Deus/natureza, aliena-se de sua verdadeira essência enquanto modo finito, parte dessa essência eterna e infinita que é Deus, e aliena também a todos os outros seres, sejam eles homens ou não. Assim alienado, ele concebe relações mediante um princípio de utilidade que não coincide com o que lhe é verdadeiramente útil, que é fazer corpo com outros indivíduos e tomar parte ainda maior da potência divina<sup>47</sup>. Como concebe a idéia de poder a partir apenas da idéia inadequada que possui de seu próprio corpo, apenas concebe o poder como uma extensão dos poderes de seu próprio corpo. Como não percebe que o aumento de seu poder se estende à medida que se estende o poder de

todos os indivíduos, já que todos fazem parte de uma potência coletiva, ele vê como um perigo o crescimento do poder dos outros. Não conseguindo sair do estado de natureza que é o estado de solidão, não consegue ingressar no estado de cooperação nem com seu corpo, nem com os outros e nem com a Natureza inteira. Alienado de sua condição usa tudo o que dispõe para extensão do poder de seu corpo afirmando a falsa idéia de Eu.

Do contrário, os indivíduos que percebem a dependência que possuem uns dos outros e que se unem a outros para dar um sentido maior às suas vidas, um sentido que seja a maior expressão ativa de seus corpos, cooperam entre si e cooperam cada vez mais à medida em que o sentido dessa união se faz mais forte. Essa união ultrapassa o âmbito da mera cooperação entre corpos humanos e pode se transferir para uma cooperação com a natureza, já que em último caso ela é o único indivíduo e a união com ela é o que todos buscamos.

7) A CRÍTICA AO ANTROPOMORFISMO ONTOLÓGICO NÃO SIGNIFICA QUE A PREOCUPAÇÃO COM O HOMEM DEIXE DE TER PRIORIDADE ÉTICA;

Segue-se também que se a cooperação com a Natureza não pode existir sem que haja união e cooperação entre os demais homens, cooperar com a Natureza é uma conseqüência da verdadeira cooperação humana. Não existem meios de se cooperar com a Natureza numa cultura individualista: não há possibilidade do capitalismo ser ecológico.

Dessa maneira a crítica ao antropomorfismo é uma crítica à eleição de um tipo humano determinado que estende seu poder sobre os demais e funda uma visão de mundo apenas do seu ponto de vista e perspectiva. A crítica ao antropomorfismo é justamente a crítica a essa imposição: uma filosofia não antropocêntrica, no entanto não descuida do homem, nem deixa de ter a felicidade dos homens como prioridade ética. Um bom exemplo disso é a filosofia de Espinosa.

Daí que seja comum alguns movimentos verdes atuais, como os ecossocialistas, fazerem questão de advogar a tese de que partem de uma perspectiva antropocêntrica: isso eles fazem para se contrapor ao biocentrismo da ecologia

<sup>45</sup> Em Espinosa, em última instância, só há um indivíduo, que é a Natureza inteira, conforme se vê no final da prop. XIII da *Ética* II e que o princípio de individuação, sendo concebível de igual maneira para homens, vermes, Estados, faz deles sempre partes de um todo maior.

<sup>46</sup> Para isso, veja o excelente livro de Vincent Carraud *Pascal et La philosophie*, capítulo IV no qual trata a destruição da egologia no filósofo francês.

<sup>47</sup> Como se vê na prop. XXXVIII da parte quarta da *Ética*.

profunda<sup>48</sup>. Não cuidam dos homens porque cuidam da Natureza, mas cuidam da Natureza porque cuidam dos homens.

Para Espinosa não existe ninguém melhor para um homem do que outro homem. Quem despreza o homem e prefere o convívio com os animais, não conhece os homens: antes os imagina. E desprezando os homens não será capaz de grandes feitos, já que precisa deles para isso. É próprio de quem quer que a realidade se conforme a sua imaginação ter esse tipo de atitude. Conhecer os homens, no entanto, não é classificá-los sob as categorias de bem e mal. É conhecer antes a sua potência: o que podem em conjunto é obviamente mais forte do que aquilo que podem em separado. Se o homem não for visado na consideração da conservação da Natureza, pode-se correr o risco de em nome dela aceitarmos todos os abusos e explorações contra os seres humanos.

8) A BIODIVERSIDADE É UM PRESSUPOSTO PARA A VITALIDADE HUMANA;

Segue-se disso que como o corpo humano é altamente complexo, um pêndulo complexo formado de corpos simplicísimos, ele precisa de uma série de bens oferecidos pela natureza e pelos homens para a conservação de seu corpo. Espinosa freqüentemente alerta sobre a necessidade de alimentos variados, de ar puro, danças, músicas, jogos como meios de interação com outros homens<sup>49</sup>. Não se pode desprezar o lado lúdico do divertimento, pois ele nos concede a experiência de uma alegria coletiva. Não se pode negligenciar da alimentação e dos pequenos prazeres que podemos ter com o vinho, com os fumos, desde que sejam de fato prazeres, ou seja, desde que não levem o homem a tornar-se deles escravo.

A potência de um corpo se liga a sua capacidade de afetar e ser afetado. Quanto maior é seu poder de afetar, maior é seu poder. Disso, quanto maior for a variedade de ações que um corpo é capaz, mais rica é a sua experiência enquanto corpo. Do mesmo modo, quanto maior for a diversidade de espécies da Natureza maior é o grau em que o corpo humano é afetado.

<sup>48</sup> Veja os trabalhos de Michael Löwy sobre ecossocialismo e sua insistência no antropocentrismo ético.

<sup>49</sup> A quarta parte da *Ética* insiste freqüentemente nisso.

Se a união com os homens vai caminhando para a união com toda a Natureza torna-se ainda mais rica a experiência humana quanto maior é o número de afecções que é capaz de sofrer e causar. A grande multiplicidade de ervas selvagens, frutos, sementes, flores, raízes, brotos, folhas permite uma existência humana mais rica, variada, uma alimentação mais condizente com a complexidade do corpo humano. Do mesmo modo, a grande multiplicidade de espécies animais, permite ao homem ser mais afetado pelos seus sentidos, permite ao homem situar-se mais justamente na longa cadeia da Natureza: a animalidade humana nos coloca em comunhão com outros animais, justamente porque prescindir de nosso aspecto instintivo, animal, criando a falsa imagem de “império num império” é não apenas eleger a imagem do homem como superior aos outros seres, mas uma imagem específica de homem, desconsiderando a grande multiplicidade de indivíduos humanos singulares. Daí que devamos nos servir dos animais como eles mesmos se servem de nós.

9) OS HOMENS ESTÃO MAIS VOLTADOS PARA A COOPERAÇÃO DO QUE PARA A COMPETIÇÃO;

Segue-se disso que se o homem reconhece estar na dependência de grandes recursos naturais e que sozinho não pode explorar a todos eles e mais, que todo conhecimento humano só faz sentido quando pode ser compartilhado e propagado de maneira a criar uma experiência coletiva de saber, o homem está mais voltado para a cooperação com outros homens do que para competir com todos eles. De fato, se assim não fosse, seria impossível nossa vida na terra.

Pode-se contestar e dizer que se os homens não fossem competitivos, não teríamos alcançado o grau de progresso atual da civilização. E justamente esse progresso é o que nos faz atualmente penar com a depredação da Natureza. De fato, é justamente o individualismo o que se supõe estar subjacente à competição, assim como ele é o responsável pela nossa alienação da Natureza.

O que seria uma relação não alienada a Natureza? Esse termo já não traz em si certa identidade? O mundo se divide entre os alienados da Natureza e os não alienados? O

discurso ecológico não pode servir como mais um instrumento de diferenciação entre os homens?

Segundo a filosofia de Espinosa o homem feliz é o que se vê como parte da Natureza, parte de um todo maior que o integra: o fato de estar em comunhão com outros homens, de estarem todos atados num elo de necessidade recíproca é a sua felicidade verdadeira, não o fato de parecer se destacar dos demais. Espinosa criticou continuamente a idéia de eleição judaica<sup>50</sup>, e mostrou a inveja implícita nessa crença. Um indivíduo não se torna feliz por se considerar especial diante dos outros, mas por se considerar igual aos outros, igualmente capaz de felicidade como todos os outros e igualmente finito e dependente dos bens naturais. O homem não se destaca da multidão por ser “melhor do que os outros”, pois melhor pressupõe já as categorias de bem e mal que Espinosa rejeita. Ele se destaca por ser mais afetado de alegria, de amor: se diferencia pela intensidade de seus afetos.

Espinosa fala na *Ética* II, prop. XIII, que os corpos simplicíssimos estão na constituição dos corpos complexos. Ele fala que o que diferencia esses corpos simplicíssimos é justamente a proporção de movimento e repouso entre suas partes. Ou seja, é a intensidade de movimento o que diferencia os corpos. Essa intensidade se liga não quando à consideração de si mesmo enquanto indivíduo, mas à consideração de capacidade de afecção de que é capaz enquanto parte.

Pensar-se enquanto parte é assumir a necessidade de cooperação com outros seres. Se o homem é parte de algo maior não pode sobreviver sem cooperar. Ele pode competir com os demais, mas até essa competição exige cooperação com outras partes. Exige que a Natureza permita essa competição.

10) O DISCURSO ECOLÓGICO NÃO PRECISA SER UM DISCURSO DEONTOLÓGICO, MAS FUNDAMENTADO NA COMPREENSÃO DA RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA.

Segue-se que a filosofia de Espinosa é um bom exemplo de perspectiva ecológica não deontológica. Para Espinosa, a verdadeira

<sup>50</sup> Veja os primeiros sete capítulos do *Tratado Teológico-Político*.

filosofia deve buscar a emancipação do homem e sua felicidade: a prescrição de deveres é uma exigência de cunho moral que tem como finalidade o melhor convívio entre os homens, ou mesmo a melhor realização da moralidade. A idéia de “agir por dever” é uma idéia carregada de tristeza e já por isso não podemos encontrá-la em Espinosa.

O homem que está no terceiro gênero de conhecimento reconhece a si e aos demais homens como iguais partes de uma mesma potência infinita: esses homens se diferenciam entre si pela maior ou menor capacidade de afetação a outros corpos. Esse homem está em relação com outros seres, pois também cada ser natural é uma parte da Natureza. Ele sabe que deus não é um legislador, a quem não terá de lhe prestar contas de seus atos: por isso não age perseguindo as idéias de bem e mal, mas para a expansão de seu ser. Tal expansão coincide com as dos demais homens, já que essa expansão só é possível mediante as paixões alegres: amor e alegria. Tampouco ele busca preservar a Natureza para cumprir com um ideal de justiça: não há justiça implícita no mundo, os que buscam melhorar as condições de vida dos demais são mortos pelos outros, os que dizem a verdade muitas vezes são reduzidos ao silêncio. Não há nenhum predicado intrínseco à Natureza, nem a deus. Tudo o que predicamos deles são atribuições humanas, como mesmo a idéia de ordem, unidade, beleza. Aliás se Espinosa pensa a Natureza como *Una* é porque o conceito de liberdade que natureza implica impede que possa existir mais de uma natureza.

Discursos como “nossa necessidade de retorno à Natureza”, do “nosso dever de preservá-la”, “do dever que temos para as futuras gerações” mostram-se como pura retórica. “O conhecimento verdadeiro do bem e do mal, enquanto verdadeiro, não pode refrear qualquer afeto; poderá refreá-lo apenas enquanto considerado como afeto”. (*Ética* IV, prop. 14). A exploração inadvertida dos recursos naturais não se detém diante dessas palavras: antes finge ouvi-las e com cinismo prossegue em seu caminho destrutivo. Não somos capazes de assumir nenhum compromisso com as gerações futuras simplesmente porque não somos felizes: não encontramos perspectiva de vida no nosso atual



estado presente, por isso estamos incapacitados de pensar no futuro ou de construí-lo.

Freneticamente engajados nesse presente vazio, resta-nos apenas vivê-lo intensamente: perdendo a Natureza estamos perdendo a História.

Concluo citando Espinosa: “A potência humana é, entretanto, bastante limitada, sendo infinitamente superada pela potência das causas exteriores. Por isso, não temos o poder absoluto de adaptar as coisas exteriores ao nosso uso. Contudo, suportaremos com equanimidade os acontecimentos contrários ao que postula o princípio de atender à nossa utilidade, se tivermos consciência de que fizemos o nosso trabalho; de que nossa potência não foi suficiente para poder evitá-las; e de que somos uma parte da Natureza inteira, cuja ordem seguimos. Se compreendermos isso clara e distintamente, aquela parte de nós que é definida pela inteligência, isto é, a nossa melhor parte, se satisfará plenamente com isso e se esforçará por preservar nessa satisfação”. (capítulo XXXII do apêndice à quarta parte da *Ética*). Façamos nosso trabalho e tenhamos consciência de que o fizemos da melhor maneira possível.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOSTER, J. B. *A ecologia de Marx*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

JONGE, E. *Spinoza and Deep Ecology*. England, Ashgate, 2008.

SPINOZA, B. *Ética*. (tradução e notas de Tomaz Tadeu). Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

